MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves, n° 48 - 2° andar
2004 nº 238

Paolo Biagio Cavalca - a maior descendência italiana em Guaratinguetá
II



No dia 07/06/1846, na Comuna di Brede di San Benedetto Po, província de Mantova, região da Lombardia, nascia Leonilda Pesca, filha de Antonio Pesca e Annunziata Grassi. Casou-se aos 16 anos, na mesma comuna em que nasceu, no dia 25/11/1862, com **Paolo Biagio** Cavalca. O jovem casal de lavradores seguiu para Bagnolo San Vito, onde no dia 20/02/1865 nasceu **ANTONIO CAVALCA**. Batizado na mesma paróquia que seu pai, a de San Vito Modesto, viveu toda a sua infância e adolescência na Itália e quando seus pais resolveram deixar para trás a sua terra natal, imigrou para o Brasil, acompanhado de seus irmãos: Annunciata, Dina e Luigi. Os primeiros meses de adaptação ao Novo Mundo foram de grande dificuldade. Sofriam com as diferenças climáticas, e o novo

idioma. Porém, com a chegada de novos patrícios, a Colônia de Porto Príncipe, no Vale do Rio Itajaí, em Santa Catarina onde residiam e trabalhavam, ganhava maiores semelhanças com a querida Itália, agora distante.

Apaixonou-se por Roza Merisi, uma imigrante italiana, filha de Giuseppe Merisi e Agatha Bresciani, nascida em 1868, em Vailate, província de Cremona, região da Lombardia, e residente na Colônia de Águas Negras, também no vale do Itajaí. Casaram-se na Matriz de São Luiz Gonzaga, em Brusque, no dia 25 /10/1865, na presença das testemunhas Joane Libardi e Pedro Meyer, abençoados pelo cura Pe. João Fritzen.

Os dois primeiros filhos do casal, Agatha (1/10/1886) e Giuseppe (Pim 19/03/1888), nasceram em Porto Franco, hoje Botuverá, e foram batizados em homenagem aos avós maternos. Com a queda da monarquia e a libertação dos escravos, a lavoura cafeeira nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, passou a contar com o braço forte do imigrante italiano. Com isso novas colônias eram criadas nesses estados. Acompanhando seu pai, resolveu migrar para a **Colônia do Piagüi, no município de Guaratinguetá.**

Embarcaram num vapor até o porto do Rio de Janeiro e de lá seguiram por terra. Durante a viagem, sua esposa engravidou de sua filha Leonilda (Nilda 9/04/1889), que nasceu na Colônia de Porto Real - RJ. Continuando a viagem, nasceu mais um filho Francisco (Quim - 1891), no município de Cachoeira Paulista, onde se estabeleceram por algum tempo.

Enfim entre os dias 4 e 8 de Abril de 1892, como lavrador, ANTONIO registrou sua mulher, os quatro filhos e a irmã Maria Virgínia, como seus dependentes e tomou posse do **lote 46 na Colônia do Piagüi.** Com muito orgulho em possuir uma propriedade e muita confiança num futuro, a família de ANTONIO crescia com a chegada das filhas Maria (Marim 20/09/1893) e Tereza (12/091895). Em 23/03/1896, falecia sua filha Tereza e exatamente um ano após seu nascimento, nascia outra filha à qual também passou a se chamar Tereza (13/09/1896). Ainda tiveram os filhos Annunciata (Nunciadim 31/08/1898), Alexandre (15/07/1900) e Ernesto (13/03/1903).

É curiosa a forma como se tratavam, e que atravessou gerações, devido ao diminutivo dos nomes em italiano: Giuseppe / Giuseppino / Pim, Francesco/ Francesquino/ Quim, etc.

Possuidor de um caráter íntegro e grande experiência de vida, ANTONIO era merecedor de grande credibilidade entre os membros da família. Sua opinião era sempre solicitada e seus conselhos eram ouvidos pelos irmãos e sobrinhos, até mesmo na escolha dos casamentos entre conterrâneos. Sua assinatura rudimentar se faz presente na maioria das certidões de casamento, atestados de naturalidade, consangüinidade, maioridade, óbitos, sem contar num infindável apadrinhamento. ANTONIO e seus irmãos plantavam a cana-de-açúcar na Colônia do Piaguí e no porto do mesmo rio, embarcavam a produção em barcaças até o Engenho Central, em Lorena, para a produção de açúcar. Com o dinheiro que conseguiu juntar e mais a parte de um empréstimo do "Seu" Caetano Caltabiano, comprou 180 alqueires de

terra da família Camargo, localizadas no **Bairro do Rio Acima**. Ali construiu uma casa com 11 cômodos, de pau a pique, forrada com taquara trançada e caiada, um luxo para poucos daquela época. Geminado à casa havia um depósito e uma roda d'água. Esta roda d'água, além de mover o engenho, levava água para outras dependências da casa. Nessas terras tocava com os filhos Francisco, Alexandre e Ernesto as lavouras de cana-de-açúcar, para alimentar seu engenho e produzir rapadura e aguardente; mandioca, para a feitura de farinha e café. A pecuária bovina, suína e hortaliças eram para sua própria subsistência. Com muita dificuldades em saldar suas dívidas, vendeu suas terras a outro imigrante italiano de Cremona, Cesare Zangrandi, por 70 contos de réis, que tomou posse no dia 2 de agosto de 1921, hoje dividida entre os herdeiros. Daí foi trabalhar nas terras de Vicente Navarro, que posteriormente em pagamento de dívidas, passou a ser do "Seu" Caetano, conhecido como **Fazendão.** Daí estabeleceu-se no bairro da Pedrinha, arrendando uma parte de terras do "Seu" Caetano, para o plantio de milho e cana-de-açúcar. ANTONIO gostava muito de dançar e era comum nas festas e recepções em que participavam, abrirem os bailes com os casais mais velhos ou anfitriões, para a dança da polca. Infelizmente Roza contraiu o Mal de Parkinson e passou a depender de muitos cuidados. A doença fazia com que tremesse dia e noite, sentada numa cadeira. Contam seus netos que, ANTONIO adaptou um pequeno pedaço de madeira para que ela apoiasse os pés, que de tanto tremerem, acabaram por gastá-la. Teve os constantes cuidados de sua filha Tereza, mas sempre se mostrou alegre e resignada com a sua situação. Nunca reclamava de nada e sempre alegre participava, com o marido e filhos, dos acontecimentos e festas do bairro. Em 1932, estourou a **Revolução Constitucionalista**. ANTONIO teve sua propriedade invadida: os lençóis, colchas e toalhas eram rasgados e transformados em ataduras para os soldados; as montarias roubadas, a dispensa saqueada e muitos animais mortos para alimentarem as tropas. Muito contrariado, este fato agravou sua saúde, provocando-lhe um infarto na noite de 4/1/1933, vindo a falecer. Sua esposa foi morar com sua filha Annunciata e José Benedito Darrigo (Zeca), que possuíam uma residência e uma casa de comércio. No ano seguinte foi morar com sua outra filha Agueda e Alfredo Eleutério de Oliveira, zeladores da Caixa D'Água Municipal, daí o apelido de seus filhos.

Roza veio a falecer em 26/4/1934 e seus restos mortais estão sepultados no Cemitério Municipal do Pedregulho, mantido até os dias de hoje pelos descendentes de sua filha Annunciata. A descendência de ANTONIO e Roza, conta hoje com quase 500 pessoas. Sua primogênita Agatha, casou-se com Alfredo Eleutério de Oliveira, natural de Ribeirão Preto. Tiveram sete filhos: Rosa, Maria (Mariquinha), João (Ginho), Henrique, Rosa (Zaza), José (Juca) e Antônio. Agatha foi residir em Itaquaquecetuba, acompanhando seu genro Roque e sua filha Zazá, operários de uma tecelagem, onde faleceu e foi sepultada. Seu primogênito Giuseppe (José), carinhosamente tratado por Pim, casou-se com a catarinense Mathilde Geroldi. A família Geroldi, era italiana de

Offanengo, da comuna de Salvirola, província de Crema, região da Lombardia. O passaporte dos Geroldi data de 17 de Setembro de 1876 e a partida em 30 de Janeiro de 1877. Do matrimômio com Tile, como era tratada, nasceram dez filhos: José (Juca), Maria dos Anjos, Antônio (Tonico), Elvira (Vivi), Armando (Nenê), Rosa (Nina), João, Benedito (Dindo), Wilson (falecido aos 2 anos) e Warley.

Sua filha Leonilda, casou-se com José Caetano de Souza, natural de Macaé (RJ), e tiveram sete filhos: Guilherme, Mariana, Jacy, Oswaldo (Vado), Nelson e Rosa.

Seu filho Francisco, apelidado por Quim, casou-se com Carmen Tirelli e tiveram treze filhos: Bento, Mathilde, Irma, Floriza, Francisco, Bento, Flávio, Antônio, Rosa, Francisco (Chico), Antonia, José (Zito) e Flávio. Natale Tirello, pai de Carmen, era natural da comuna de Padova, província de Mantova, região da Lombardia e registrou-se na Colônia do Piagui, juntamente com ANTONIO.

Sua filha Maria casou-se com Jayme Alexis Perrenoud e tiveram seis filhos: Antônio, Ulysses, Antônio (falecido aos 7 dias), Moacyr, Aurora (Lóla) e Jayme (Jaiminho). A familia Perrenoud é natural da SUÍÇA.

Tereza, faleceu solteira. Residia com sua irmã Annunciata, casada com José Benedito Darrigo (Zeca). Este casal teve quatro filhos: João (Juju), Antônio (Nini), Luzia (Zizi) e Terezinha. A família D'Arrigo é natural de Sapri, província de Salerno, região da Campania.

Seu filho Alexandre casou-se com Maria Frattari (Mariquinha),cujo sobrenome era de sua mãe, pois o sobrenome de seu pai, Nazzareno Chiarelli, ficou envolvido ilegalmente na Argentina, de onde procediam. Tiveram os filhos: Antônio (Nino), José (Zeca), Benedito, falecido com 30 dias, Maria Aparecida (Cida), Josephina (Rosinha), e os gêmeos Alexandre (Dico) e Benedito, falecido com 6 meses de idade.

Seu filho caçula, Ernesto, casou-se com a professora Maria Alice de Oliveira, natural de Lorena, e tiveram duas filhas: Apparecida (Lucy) e Laís.

Márcio Benedito Cavalca

- Agradecimentos aos depoentes: Elvira (Vivi) Cavalca Pinto – "in memorian", João Cavalca, João (Juju) Darrigo Neto, Antonio (Nini) Darrigo e José Zangrandi.

- **Nota do Museu Frei Galvão**: Esta monografia complementa a monografia *"Paolo Biagio Cavalca - a maior descendência italiana em Guaratinguetá- I"*, publicada sob o nº 144, no ano de 1996.